

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

AS RECLAMAÇÕES podem ser remetidas à rua do Príncipe dos Cajueiros n.º 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 30 de Novembro de 1873

A mulher

Se a mulher não fôra optada das mesmas faculdades que o homem possue; se ella não fôra sua igual em tudo, por certo que a escravidão seria o estado normal das sociedades modernas, como o foi das antigas. Nesses tempos barbaros que já lá vão, a mulher era considerada como uma *cousa*, como um meio de estender os gozos sensoaes do homem. A mulher por tanto era considerada em relação à materia, e nada mais.

Lançae os olhos ao passado; revolvei essas chronicas feudaes, involtas no pó do esquecimento e do desprezo, e lá vereis provada a nossa asserção.

Que valiam beleza, carinho, virtudes?

Nada.

O destino da mulher encerrava-se todo no *quero* absoluto dos senhores poderosos, soberbos e estúpidos.

Se lhe peavam a alma?

Em quanto a mulher não conquistou o lugar elevado que Deus lhe destinou no mundo, os povos mereceriam sempre o epitheto de barbaros. E com razão. A educação dos filhos, esse exclusivo da mulher, era-lhe só confiado sob as vistas do senhor d'ella e dos filhos.

A mulher sahio do lodaçal immundo, onde vivia desterrada; e livre do captiveiro que a degradava, assumiu todos os direitos que o Eterno lhe gravou n'alma.

A mulher dos tempos modernos, recebeu do christianismo toda a força que a torna grande, e onde a mulher ocupa o seu lugar, d'ahi foge a escravidão.

Com essa forte alavanca, chamada—amor, as mulheres fazem quanto querem dos homens. Cumprê-lhes pois, a elas ensinarem-lhes a estrada da felicidade, d'essa felicidade passageira que n'este mundo se pôde gozar.

Maldiçao sobre toda a mulher que se servir do seu poder para fins diversos. Execração eterna sobre aquella que se degradar da missão sublime que o Eterno lhe confiara.

LITERATURA

FRANCESCA

Por Stéphon de la Madalaine

CAPITULO I

Continuação do n.º 1

Em quanto a criada velha perdia-se em conjecturas sobre os passos de Izabel, a jovem cantora reuniria-se a seus compaixeiros, que já a esperavam com todo o interesse pessoal, movel de sentimentos amaveis na apparença.

A presença da nova cantora era esperada com impaciencia. Uma multidão compacta de amadores se juntava de todos os lados á roda dos musicos ambulantes. Cada volta que dava o chefe para a colheita, as moedas e mesmo escudos de prata cahiam como gottas de chuva copiosa. O bom resultado que animava Izabel incutio-lhe a confiança tão preciosa para toda a execução musical; sua voz, mais desembaraçada, deixou ouvir todas as vantagens que lhe dera a natureza. A cantora improvisada sentio-se como arrastada pela gloria de agradar ao publico, e por um movimento espontâneo comprimentava a todos os ouvintes. Nesse momento a moça feita artista, recebia o baptismo do genio que de antemão, preparava para ser mais tarde a admiração d'Italia.

Desta vez, quando se acabou a serenata e que entre si dividiam uma somma mais consideravel que o da vespereira, duplicando com desinteresse o da jovem cantora, Izabel, retirou-se com o seu thesouro sentindo a mesma confusão da noite antecedente. Mas n'essa noite a sua perturbação assemelhou-se a d'uma virgem que acabava de dar o seu coração, e que sem sentir grande pezar d'isso receia as consequencias que poderão resultar da sua

fraqueza. Izabel que detestava, não a sua profissão, por que estava bem longe de a ter adoptado, mas sim expôr-se em praça pública, entre miseraveis saltimbancos, reprovara a si o prazer que lhe causava seus sacrifícios humilhantes. E depois cercada de perto pelo círculo dos admiradores de seu talento, tinha reparado nos olhos indiscretos que convergiam sobre ella; e comprehendeu que metade dos louvores que lhe tributavam eram dirigidos à sua beleza.

Logo que se retirou para a sua miserável morada, o silêncio que reinava n'aquellas paredes frias e arruinadas, comparado ao bulício das praças, figurou-se-lhe o de um tumulo, e não sei que sentimento, filho do tumulto e dos louvores que ainda lhe soavam, apertou-se-lhe o coração. Os princípios saos da moça fizeram logo justiça a essa sensação criminosa, e como elle era realmente tão boa e tão terna como viva e impressionada, sua alma entregou-se logo ao prazer de ver sua querida mãe, gozar de descanso, precioso fructo do seu sacrifício.

No ouiro dia foi á botica pagar o resto da importância de medicamento que restara ao boticario, e encaminhar segunda poção.

— Fazendo justiça, disse o velho, devo confessar que a senhora não me devia mais nada. Contudo, vende que a moça fizera um ligüiro movimento de agastada... não reuso aceitar. Parece-me, minha linda menina, que a senhora já levou agua no seu moinho. Não digo isso com intenção de offendel-a. Mas ouça o que lhe digo, os homens são variáveis como os acontecimentos; é preciso aproveitar os seus caprichos. Dou-lhe este conselho sem interesse algum.

Izabel saiu d'ali pensativa. Com quanto ella fosse adoptada de intelligencia e sagacidade, não comprehendeu bem o sentido literal das más advertencias do velho, mas quasi que advinhou até certo ponto, reunindo essas palavras injuriosas às ameaças da boa Catharina. Ella sabia que para uma mulher, para uma moça sobretudo o desânimo da consciencia não vale se não é acompanhada da opinião publica, e que não basta ter juizo, precisa provar que o tem tambem. Desejando ser útil a sua mãe, e temendo esmagar-lhe o coração quando esta viesse a saber a origem dos recursos que arrancavam a necessidade e a morte, Izabel formou o projecto de cantar ainda duas serenatas nas praças publicas, para juntar uma pequena quantia que chegasse para a convalescência de sua mãe, até que podessem ambas trabalhar. Mas a sorte tinha decidido que o grande talento natural de Izabel ficaria reconhecido pela arte; como essas minas de metais preciosos, que uma vez descobertas, entram para o numero das riquezas do paiz.

Os aplausos que dava e que dava ainda a Italia a seus artistas de predileccão não se assemelham em nada aos dos franceses. Na Italia as sensações que causam as artes, e sobretudo a da musica são tão excessivas, tão imponentes, tão imperiosas, como são a colera e o amor. O italiano que se impressiona com o entusiasmo musical, sente a necessidade de exprimí-lo por gritos, por sapateados, até por lagrimas; esses aplausos não satisfazem o seu delírio, ha de fazer o triunpho do genio amado; é necessário que esse feliz artista que mereceu unanimes ovacões expire debaixo das emoções do louvor frenético de que se vê cercado.

Tal era pouco mais ou menos o destino que esperava Izabel voltando a serenata. Só a sua presença excitou aplausos interminaveis que exalta vam-lhe a alma

até as divinas sumidades da inspiração. Izabel, orgulhosa do poder que seu talento exercia sobre as massas do povo, já se não conhecia, parecia-lhe que outra natureza acabava de se crear n'ella, que uma organização superior à de uma simplice mortal desenvolvia-se-lhe com proporções que partilhavam do céo e da terra. Ella não se enganava: era o genio da expressão que despertava na sua alma, e que achando n'un orgão poderoso e sonoro meios de execução dignos de sua energia, enviava os seus primeiros accentos n'un círculo obscuro, esperando que se lhe abrisse carreira mais ilustre.

(Continua).

PARTE RECREATIVA

O que é ser virídico

N'uma companhia onde se achava o famoso morgado d'Assentiz, entrou um dos mais famigerados mentiroços da capital. Saudando este com a formula sacramental.

— Muito boa noite, mens senhores.
O morgado voltando-se de repente para uma criada, disse:

— Abra as janellas que já é dia.

Na rua

Uma scena passada entre marido e mulher:

— Meu pelintra, ah! estás outra vez bebado!
— Qual bebado...
— N'esse estado sabes onde vais parar? às costas d'Africa.
— Ah! é que te enganas, mulher; n'este estado não passo d'aqui.

A esmola e a mão

Certa dama um patacão
Quiz de esmola a um pobre dar,
E elle indo-lhe a pegar,
Pegou na esmola e na mão.

Fogio-lhe ella, e elle sisudo,
Lhe disse: « como sou pobre,
E tudo é da cõr do cobre,
Cuidei que me dava tudo. »

Pelos modos a dama era mulata!...

Um sermão

Um pregador declamou do pulpite contra os que vão as bôdas e se divertem n'estes festins. Um dos ouvintes lembrou ao orador que Jesus-Christo também fôra a bôdas em Caná, na Galiléa.

— E' verdade que foi a algumas, responden o padre um tanto desorientado, mas se lá não tivesse ido faria muito melhor.

Um livro precioso

Todo o mundo conhece a paixão dos compiladores de livros raros, mas poucos exemplos ha como o que vamos relatar. O dia 17 de Junho de 1812 marca uma data famosa nos annaes da bibliomania.

O duque de Roxburgh morreu deixando entre outros tesouros typographicos, um exemplar do *Decameron*, impresso em 1471, e que era criado entao sem rival, exposta à venda essa preciosidade, a casa regorgitou de pretendentes. Qual seria o vencedor de tão inestimável despojo? Um cavalheiro do Shropshire teve a honra do primeiro lance. Pouco familiarizado com tais combates, parecia receiar da sua audacia. « Cem guinéos! » gritou elle. Completo silencio no auditório; mas quasi logo outros competidores approximaram-se e os lances chegaram a quinhentas libras sterlinas. Isto foi apenas uma escarneira; a lucta começou verdadeiramente com a chegada de dous heroes, o conde Spencer e o marquez de Blandford. Os illustres campeões desafiam-sse medindo as suas forças. Quando a voz sonora do primeiro gritou: « Mil libras! » Todos os olhos se dilataram, todos emudeceram, podendo ouvir-se o voo de uma mosca. O marquez disse pausadamente: « Mais dez guinéos » Todes os concorrentes retiraram-se da arena, ficando os dous nobres cavalheros em campo. Finalmente lord Spencer fazendo um esforço desesperado para derrotar o seu adversario offereceu duas mil duzentas e cincuenta libras. « Duas mil duzentas e sessenta! » respondeu Blandford com fleuma imperturbável; e o martelo do leiloeiro proclamou a sua victoria. Por uma singular volta das cousas d'este mundo, este livro, ganho pelo marquez a preço de tão grande lucta, é hoje propriedade de lord Spencer.

O ideal e o real

Conheci uma certa Benedicta que enchia a atmosphera do ideal, e cujos olhos espalhavam o desejo da grandeza, da belleza, da gloria e de tudo quanto faz crer na imortalidade.

Mas esta mulher milagrosa era mui bella para viver muito tempo; morreu poucos dias depois que a conheci, e fui eu quem a enterrei, bem encerrada n'uma caixa de madeira perfumada e incorruptivel como são os cofres da India.

E como os meus olhos ficaram fitos no lugar em que sepultei o meu tesouro, vi subitamente uma figura que se assemelhava singularmente à defunta, e, que de pé sobre a terra fresca, dizia com estrondosas gargalhadas:

« Sou eu, a verdadeira Benedicta! sou eu! uma famosa desprezivel! e para castigo da tua loucura e cegueira, amar-me-has tal qual sou.

Mas eu furioso respondi:

« Não! não! não.

E para dar mais força á minha recusa, pisai fortemente na terra de modo que enterrei as pernas até os joelhos na sepultura recente, e como um lobo cahido no laço, fiquei preso, para sempre talvez, à cova do ideal.

Ch. Baudelaire.

Receita para fazer rir

Representando se no theatro da rua dos Condes um entremez semsaborosissimo, e achando-se ao pé do autor, por traz dos bastidores o nosso D. Gastão da Camara Coutinho, vendo este que nem um leve sorriso desabrochava ainda nos camarotes ou na platéa, estando a peça quasi no fim, voltou-se todo compadecido para o poéta, e lhe disse:

« Homem! se quer ver toda essa gente a rir, salte para a platéa e faça-lhe cocegas, d'outro modo não vai. »

Couro e cabello

A um desastrado barbeiro que o esfollara todo, deixando-lhe a barba quasi do mesmo tamanho, disse o nosso Tolentino:

« Barbeiros de levar couro e cabello já eu tinha visto, mas você, mestre, faz maior habilidade, porque deixa o cabello e leva o couro. »

Sou eu.

Tu que ao lér, talvez não saibas
Que este verso é verso meu;
Recebe nelle saudades,
E quem t'as manda—sou eu,

Occultar nossos amores
Do mysterio sob o véo;
Quem de mim se esquece es tu,
Quem por ti morre—sou eu.

Se a noute quando dormires
Entregue toda a Morphen
Despertares não te assustes
Quem te desperta—sou eu.

Se acaso vires pequena
Escura nuvem no céo,
São condensados suspiros
Quem os tem dado—sou eu.

Se pequenino bichinho
Pousar no vestido teu,
Deixa-o viver, eu t'o peço,
Esse bichinho—sou eu.

Por muito que haja penado
Quem para te amar nasceu,
Vive com elle a esperança
Quem t'o assegura—sou eu.

A bem d'outro não disponhas
De um dote que o céo te deu;
Nega quanto te exigirem
Quem te pede isso—sou eu.

Valle

Só

Heide andar sempre só ; e só no mundo
Será o meu viver.
E quando a morte vier arrebatar-me
A' força de amar : já gasta a vida,
Não sentirei morrer.

Nao levarei do mundo uma saudade
Nem uma só lembrança.
Nem d'ELLA, que eu amei com amor tanto,
Que traidora me foi, que em miuha vida
Queimou miuha esperança.

Não : ELLA era um anjo, uma pomba,
Eu, sim, que fui um traidor ;
Em su'alma esgotei minh'alma impura ;
Em meus versos ardentes abrazados
Libou o meu amor.

Fiz d'ELLA a minha musa, a miuha estrella :
Esqueci o meu Deus.
Um dia a contemplei, e vi que o anjo
Só era uma mulher ; e a mente afflita
Tornei a erguer aos céos.

E sempre nos meus sonhos tive a imagem
Da virgem que eu amei.
Vi o mundo roubar-lhe as azas puras,
A essencia divinal eu vi fugir-lhe
Afflito então chorei.

Nunca mais a avistei ; sei que ao deixal-a
Do mundo sobre o pó
Uma voz me dizia dentro d'alma :
« Não ames cá na terra, que o teu fado
E' sempre viver só. »

Um dia heide morrer, o sol brilhante
Virá cheio de luz ;
De joelhos heide estar junto à corrente
Orando ao Senhor Deus singella prece
N'alguma humilde cruz.

E o sol dourará altas n'ontanhas
E os templos do Senhor ;
Ihade o brilho espalhar-se a altas grimpas,
E tambem dourará as alvas perlas
Do calix d'uma flor.

E ao depois passará ao meu cadaver
A luz de mais um dia ;
E virá lá do céo o meu archanjo
Nas azas de christal, amortalhar-me
No manto da poesia.

E eu serei feliz por ter morrido
Na fl'r da juventude.
Ninguem me chorará ; só um gemido,
Que ninguem ouvirá, dará a pedra
Que cobrir meu athaúde.

SALOMON..

A um botão de rosa bordado n'un album

Que lindo botão de rosa !...
Quem seria, oh ! bella flor,
que, imitando a natureza,
soube, candura e belleza,
Desenhar com tal primor !

Tens perfume e florescencia,
tens frescor e candidez,
pareces viver na tela...
Quem te esboçou, flor singella ?...
Rosa d'amor, quem te fez ?...

Ah !... já sei : igual na essencia,
tu és a copia fiel
de uma virgem descuidosa,
que, crendo esboçar a rosa,
se retratou no papel...

A. Patrício Correia.

O Domingo

A redacção deste periodico recebe com especial agrado,
todos os artigos litterarios e recreativos ; sujeitando-se
porém a orthographia que a redacção adopta.

Charadas

Certa matricida ha tempos	
Deu bastante que fazer,	
Pois por ser muito a primeira	1
A segunda veio a ser.	1

CONCEITO

Ora a subir,
Ora a descer,
Manda o rifão
Não a perder.

Sou veloz por natureza,	2
Nasço e ponho-me a correr	2
« Apontar !... Fogo !... Ataquemos !... Meus amigos, toca a encher. »	

A decifração das charadas do numero antecedente é
a 1^a—Corpo—e a 2^a—Perú.

Typ. da — Lyra de Apollo — rua d'Alfandega 185.